

# Foi-se Serginho

*Franck Soudant \**

Amanhã, não haverá por aqui missa de sétimo dia. Contudo, quinta-feira passada, um segundo ataque cardíaco em menos de três meses deitou definitivamente o colosso Sérgio Bernardes.

Descrevê-lo não é tarefa simples, tentarei assim mesmo:

Desmedido, fisicamente lembra as grandes personagens mitológicas, como o deus supre-



mo do panteão da Grécia Antiga – retratado por Ingres em sua magnífica tela “Zeus e Tétis” –, quando a mãe de Aquiles pede ao grande deus a imortalidade para o filho que parte para a Guerra de Tróia. Uma perna de Zeus tem praticamen-

te todo o tamanho da belíssima mãe do herói da Ilíada. É verdade que ao lado de Serginho – o delicioso diminutivo carioca perfeitamente adequado para denominar um gigante –, todos sentíamos um complexo profundo de nanismo. Era realmente desmedido.

Uma grandeza não apenas física, grandeza que lembra também heróis legendários, a exemplo daquele bom frei Tuk, de tradição saxônica, o portentoso frade amante da boa carne e das grandes libações, fiel escudeiro de Robin Hood na luta contra a invasão normanda. Mas não são apenas o porte físico e a voracidade que aproximam as personagens, mas ainda a postura de

ambos, delicados e atenciosos frente aos fracos; intrépidos diante dos poderosos. Em Brasília, assustava a Serginho tanta servilidade.

Certamente o bom frei Tuk não era um franciscano, pois a ordem é posterior ao desfecho da guerra entre normandos e saxões, mas, no cinema, invariavelmente, aparece como capuchinho: cabelos em coroa, sandálias e a corda de três nós na cinta. Rabelais sim, este era franciscano e suas principais personagens – Gargantua e Pantagruel, pai e filho – são também parecidas com Sérgio Bernardes como duas gotas d’água. Heróis ficcionais, também eles desmedidos, um apetite para com a vida incensurável, posturas incisivas frente à sociedade, generosos, sem ambigüidades, Gargantua e Pantagruel servem ao grande renascentista francês para escarnecer a tradição escolástica, decadente e hipócrita. Toda uma gente, essa, que tem por centro as tripas e o coração, como Serginho.

Uma semana antes de sua morte, esteve em Brasília para apresentar-nos, finalmente, o seu último longa metragem: “Tambo-ro”. Um início de noite de domingo, ao ar livre, no Instituto Mitoludens, uma trintena de pessoas esperando o resultado dos três últimos anos de trabalho de Sérgio.

Cineasta absolutamente não convencional, seus filmes prescindem de diálogos e de discurso, seja de operações dedutivas, causando um impacto absolutamente imediato por meio de uma estética audiovisual. Linguagem já completa por si mesma, sem mediações. Se, ao tentar descrevê-lo, comparei-o a personagens medievais de safra franciscana, é porque sua fé tampouco é dedutiva, é tão-só intuitiva. Quão mais analis-tas formos mais nos distanciamos do que

\* Editor.

desejamos capturar. Os tomistas e, posteriormente, os jesuítas, esses sim requerem operações analíticas, intermediárias e parciais, para atingir um objetivo. Tuk, Gargantua e Sérgio, não.

Um fogo de artifício para olhos e ouvidos. A música é fundamental. Serginho o reconhece, a ponto de, nos créditos, ao final das duas horas de projeção, aparecerem juntos: Direção – Sérgio Bernardes; Música – Guilherme Vaz, sem ordem de prevalência, obra a quatro mãos.

O maestro Guilherme Vaz, companheiro em mais de uma aventura com Serginho, como ele é extravagante, também esbanja. Nos momentos de grande tensão, regendo uma grande orquestra, abandona os arcos para que as cordas, em *pizzicato*, levem-nos à selvageria de um Stravinsky a assustar os comportados musicistas conservadores do início do século passado. Uma música ora sincopada, induzindo-nos à grande transe de um terreiro de candomblé, ora suave e doce, melódica, a recordar trilhas de Nino Rotta ou uma simples fantasia de Chopin. Em uma cena, por exemplo, em que Serginho faz uma declaração explícita de seu amor pelas árvores de todo o Brasil, Guilherme oferece uma harpa que transforma a cena, composta de dezenas de planos, cores e formas em um momento absolutamente onírico, um verdadeiro sonho a la Kurosawa com as cores das sapucaias, dos ipês, dos jequitibás.

Como Stravinsky, também são russos os músicos da orquestra sinfônica do Teatro Amazonas regida por Guilherme em uma cena que não durará mais do que quinze segundos. Como solista, vemos um índio assoviando uma melodia aprendida com um pássaro nativo. A emoção do índio ao ouvir um acompanhamento para ele tão inusitado, dos russos por participarem de uma peça com o insólito

solista de tanta sensibilidade musical, toda intuição, do maestro pela justeza de sua peça e de sua condução, e a nossa emoção, a do público, que deixa de respirar para ouvir sem qualquer interferência essa síntese brasileira. É quando Sérgio aceita a contradança e rodopia com a câmera para mostrar-nos todas o painel completo de todas essas emoções.

E o filme? Como, mesmo consciente de minhas limitações para uma aproximação mínima, como oferecer um pequeno trailer discursivo? O que é “Tamboro”, o trabalho derradeiro de Serginho? Obra não analítica, não discursiva, sem diálogos, duas horas de filme, sim, tudo bem, mas o que é ao certo “Tamboro”?

Ao certo, difícil dizer, mas talvez seja o resultado do grande choque causado ao peito e ao ventre de um gigante rabelaisiano isso que se está fazendo com o Brasil, de um lado; e seu contraponto, as gentes e a terra brasileiras, de outro.

É, em suma é isso. No início, um sobrevôo sem fim pelas periferias das megalópoles, essas casas de lajotas sem reboco, telhado em amianto, sem rua, sem esgoto, sem decência. Com um amigo piloto kamikaze, sai dando rasantes no Complexo do Alemão, no Jardim Aurora, na Rocinha, na Vila Formosa: o mesmo desalento. Em seguida, como é característico em seus filmes



François Chesnais, Victor Leonardi e eu acompanhando Serginho, em dia de grande calor, no quintal de sua casa, no Rio, quando dava ele início a uma terceira cumbuca de feijoada completa.

– planos de três, quatro, no máximo cinco segundos –, com a música-transe de Guilherme, e chegamos à exaustão, assistindo não apenas o que ocorre nas periferias, mas ainda nas cidades, a prostituição infantil, o *apartheid*, a discriminação e a iniquidade generalizadas; e no campo, a monocultura, o desmatamento de arrasto com correntes, as moto-serras, a mineração, o garimpo, a grilagem.

Fosse apenas isso, não passaria de um panfleto. Contudo, não se trata de um filme-panfleto, longe disso. Pudico, mas satírico ao extremo, mesmo se não aponta do indicador as pessoas cujos nomes ocupam as manchetes de todos jornais, responsáveis por essa tragédia brasileira, Serginho – como Rabelais, uma vez mais – recorre à paródia.

Para uma delas, sua produção contratou o buffet do Copacabana Palace – com direito a talheres em vermeil, porcelana de Limoges, baixela de prata e cristais de Baccarat – e, sem avisar a vizinhança, atores vestidos a rigor iniciam um banquete em uma pracinha de uma favela indeterminada discutindo, de forma ininteligível, o rendimento de suas aplicações financeiras. Uma dúzia de seguranças do tamanho de Serginho, óculos escuros e terno preto, não permitem a aproximação dos muitos curiosos. Não apenas os moradores mostram o seu desconforto, a platéia sente-se profundamente contaminada por esse escárnio que participa de nosso dia-a-dia.

Dá-se então início ao fascínio de Serginho por sua gente e por sua terra. Para o seu penúltimo longa – “Via Brasil” –, percorreu durante quatro anos cada pedacinho de Brasil e realizou tomadas absolutamente prodigiosas. Quem conhece um pouquinho o seu banco de imagens fica simplesmente maravilhado. São planos que vão

desde espécies ainda desconhecidas dos botânicos, lá no Mundo Perdido dos planaltos da Roraima, a sobrevôos de paisagens que sozinha a imaginação é incapaz de criar, um calango atento esperando sua presa, milhões de formigas mordedeiras seguindo sua trilha, buritis na vereda, majestáticas, como catedrais. Como ele próprio monta os seus filmes em planos que mal permitem um piscar de olhos, de tão curtos, observamos a mesma delicadeza do trabalho minucioso de uma rendeira, quando cada ponto é essencial à harmonia do todo.

Por fim, a gente do Brasil, multicultural, multicolorida: uma ladainha, repentistas dizendo da necessidade de vir a Brasília dar uma coça em uns cabras da capital – para a felicidade geral dos ouvintes –, uma procissão, o bumba-meu-boi, o maracatu, o samba, atos litúrgicos de diferentes povos indígenas, o trabalho na roça, o pescador lançando a tarrafa em alto mar, o gari sorridente deixando a rua beleza, breve, a prova de que mesmo se os dados já foram lançados a partida não está perdida.

Por fim, o amor de Serginho pelas crianças, infinito, um brincando de peão, outra saltando amarelinha, pequenos índios banhando-se pelados, às gargalhadas, sabendo-se flagrados pela câmera, a felicidade e a esperança, sempre presentes e, como ele, fortes, consistentes.

Ao tentar a tarefa impossível de descrever Serginho e “Tamboro” – mero artifício para permanecer em sua companhia –, quis tão-só lançar o convite para que todos conheçam a personagem e sua obra. Para tanto, é necessário assistir ao filme.

Tenho a esperança de que “Tamboro” seja distribuído e não fique limitado a pequenas apresentações para meia dúzia de cinéfilos ou exibido em uma sala cult na matinê de uma quarta-feira de cinzas.

Brasília, 11 de julho de 2007.